

# ALVORADA

SEMANÁRIO REPUBLICANO

N.º 10 do 5.º Ano—N.º 210

Editor, Abel de Vasconcelos Cardozo

Director e proprietário, A. L. de Carvalho

S. da R., Capitão L. A. Pina Guimarães

Redacção e administração, Rua da República

Guimarães, 3 de Dezembro de 1914

Comp. e impressão, Tip. Minerva Vimaranesse

## Caiu-lhes a máscara!

Um dia, o ex-rei Manuel, pensando na grandeza dum gesto que o sublimasse e conduzisse à glória, ofereceu a sua espada e o seu peito ao governo inglês, rogando-lhe a honra de o fazer marchar para a linha dos aliados. Como é natural, o governo inglês registou a gentil lembrança do moço rei exilado e, não pensando mais no caso, passou adiante... sem se aproveitar daquele oferecimento.

Correspondendo a esta atitude do ex-rei Manuel, e obedecendo a uma ordem do mesmo, o seu lugar-tenente João de Azevedo Coutinho officia ao nosso Ministro da Guerra participando-lhe o desejo de ser aproveitado para, como o "seu" rei, combater na linha dos aliados. Como é natural, o governo português registou a gentil lembrança do expatriado oficial e, não pensando mais no caso, passou adiante... sem se aproveitar d'este oferecimento.

Um e outro, como era igualmente natural, deram sorte, julgando-se porventura — quem sabe? — ofendidos nos seus brios, pois a verdade é que se os seus serviços não foram recusados, certo é também que não foram aceitos.

Depararam então no fiasco, mormente agravado até ao ridículo aos olhos dos seus próprios correligionários conspiradores, a quem elles, ex-rei e lugar tenente, haviam, como o leitor sabe, recomendado uma abstenção temporária e patriótica — abstenção que corres-

ponderia ao gesto e à atitude combinada dos dois.

Não tendo porém sido aceites nem utilizados os seus oferecimentos; não havendo igualmente agradado nem tampouco sido obedecido o seu "Mot d'ordre", de temporário armistício — como voltar atrás sem dar a perceber o fiasco e ficar de bem com a sua gente?

E' o que nos diz a célebre carta apreendida ao dr. Baccalar, onde a hipocrisia é saliente, como se depreende d'este final:

"Desde que deixou de existir a iminência do perigo e ha feitos trabalhos e combinações importantes que, por circunstâncias óbvias, não conhecia em toda a extensão e valor, entende que se deve proseguir e que, como português e rei, deve estar com o seu povo onde a honra e o dever o aconselhem. Pela minha parte, agora e sempre, estou incondicionalmente com o nosso País, com o nosso rei e com os nossos bons e queridos amigos. Desfeitas, pois, as justas apreensões que ai surgiram, e em vista dos magníficos elementos de que dispomos e do procedimento inqualificavel do governo da República para com ellei e para connosco, sou de opinião que vamos para a frente e quanto antes."

O procedimento inqualificavel da República foi, sem dúvida, o facto de os não tomar a sério, — no que afinal se não enganou o governo nem o país, visto que para elles até já a iminência do perigo não existe e entendem que se deve proseguir em vista dos magníficos elementos de que dispõem...

Os farçantes! Como se desmascaram!

E' pois da mais absoluta necessidade pensar a sério e a valer na vinda para esta cidade e concelho duma força da Guarda Republicana, — tanto mais que outras terras de menos importância desde muito que a possuem, e dizem preferi-la, com todos os seus defeitos, ao serviço duma policia localizada e permanente como aquella que nós possuímos.

Ainda há pouco o governo, procurando satisfazer os pedidos de diversas localidades, fêz aumentar o quadro de dois batalhões à referida Guarda Republicana, fazendo pena que Guimarães fique desprovida de tam carecido quanto util beneficio, e só porque ainda não foi o sério nem a valer que alguém se lembrou de pensar no momentoso assunto.

A propósito vem dizer-se que ainda os jornais de hoje noticiam terem sido providas d'este melhoramento as cidades da Guarda e Coimbra.

## ECOS

### Beijo casto

O «Echos...», diz que «beija reverentemente o anel de sua excelência reverendíssima» o arcebispo de Braga.

Beijocar rialistamente a mão dum testa coroada ou oscular reverendissimamente o anel dum mitrado, são, afinal, manifestações... labiais de que, pelo visto, muito se comprazem os chamados esteios do trono e mais do altar, e com as quais nada queremos ter de comum.

Pois quem sabe mesmo se ao beijarem o anel do arcebispo não lhes recordará este verso do poeta:

«Se a mão dela aos lábios chego,  
Chego aos olhos os aneis.  
Ai, filho! Postos no prego,  
Davam um conto de reis!»

Por analogia forçada, já se vê, visto que a mão do anel que elles beijam é a de um homem — o que é menos decente e nada contemporâneo.

### A Bélgica

Grande e nobilíssimo exemplo foi dado ao mundo pelo pequeno povo belga. Julgara o militarismo prussiano, o arrogante e bárbaro militarismo, que seria suficiente o tacão da sua bota para esmagar, talar, reduzir à humilhação e à impotência de vencido, um povo livre, neutro e honrado em que, por assim ser, confiava que os tratados jámais fôsem letra morta para quem se arroga possuir o exclusivo... da Kultura.

Enganou-se, em verdade, o invasor, pois que ao mundo foi dado o grande e inolvidavel exemplo duma nação pequena, mas ciosa dos seus direitos, se bater intrépidamente como um só homem.

E' por isso que hoje de todos os laudos sobem simpatias, bênçãos e auxilios à nobre Bélgica, por quem a inspirada Ode de João de Barros nos impele a exclamar:

"Ah! como eu te choro, Bélgica formosa!  
Ah! como eu te adoro, Bélgica vencida!"

### Um militar

Honra o Exército e o nome de cidadão português a decisão do Major Malheiro, o intrépido official que entrou na revolta de 21 de Janeiro.

Dado pela Junta Médica como incapaz para o serviço no ultramar, ele pediu, não obstante isso, a sua incorporação expedicionária, mesmo sem o direito à pensão de sangue.

Deferida a pretensão, que exalta um militar e um patriota, o brioso official irá assim demonstrar lá fora — que não faz parte da galeria dos «cabides de farda».

### 1.º de Dezembro

Este dia, que assinala um facto histórico muito nobilitante para os portugueses, tem na República as honras de feriado solene, pois é consagrado á integridade da Pátria.

A mocidade académica, aqui como em quasi toda a parte, tomou conta d'ele para o solenizar com júbilo e vibração patriótica, como merece.

Simplemente estes, os de cá, parecendo ignorar que a idea de República anda ligada, como sinónimas, á idea da Pátria, ainda por isso, talvez, elles se esquivam a gritar, bem alto: — «Viva a República!»

### Artigo

A quem deseje conhecer e aquilatar da audácia dos monárquicos portugueses e, conseqüentemente, traduzir a segurança do regimen republicano, leia o artigo do illustre redactor da «Luta», sr. dr. João de Menezes, — «Conspiração monárquica» —, transcrito para aqui com a devida vénia. Elerecorda, numa precisão de factos, todos os movimentos anti-patrióticos dessa gente, servindo isso de aviso aos republicanos para que continuem, como até aqui, vigilantes.

### Distinguidos

Andam bacorejando para ai que, ainda desta vez, na distribuição da verba de 200 contos destinados para edificios escolares, o concelho de Guimarães será escandalosamente olvidado.

Na distribuição relativa ao ano pretérito obtiveram subsídios os concelhos de Braga, Amares, Espozende, Fafe e Vila Verde — jénquanto que Guimarães, para vergonha, nem uma de X!

Eríte, quem poder, a repetição d'este desaire.

### Para as crianças

As damas norte-americanas tiveram a gentilissima e abençoada idea de fazerem carregar algumas toneladas de brinquedos destinados a alegrar o Natal da peizada, cujos pais se batem ou pe-receram já nas linhas de fogo da grande guerra europeia.

As crianças tudo merecem — mais especialmente as que nessa noite de penetrantes e comovidas recordações sentem roçar sobre si a aza dolorida da orfandade.

— Quem nessa noite, igualmente se quer lembrar dos nossos pequeninos órfãos?

### Ainda

Em Alquerubim, as mesmas almas denegridas de toda a parte cortaram 7 árvores fruteiras de 20 que as crianças das escolas plantaram, no ano passado, entre hinos de festa e cânticos de ternura amorosa e sagrada.

«Monstruosos efeitos da maldade, aliada á mais inconcebivel e fenomenal estupidéz!»

Prova disso é que esses arboricidas repugnantes não teriam repugnância em comer os frutos dessas árvores, que, como selvagens, cortaram, — ainda quando mesmo houvessem de escalar um muro, como ladrões.

### Mau baptismo

Tomou-se por hábito escolher para chamadouro dum cão, gato ou outro animal, os nomes mais opostos á simpatia do seu dono — como, por exemplo, talassa, jesuita, Nero, ou, de maneira inversa, republicano, ateu, etc.

E' contudo uma injúria que se perpetra contra a bondade d'esses animais, tam amigos, em regra, do seu dono.

Pensando bem, o epíteto desqualificante, a querer-se adoptar, só devia recair nas coisas que se detestam e não nos animais a quem dispensamos a honra da convivência e muitas vezes até... a estima dalgum affecto.

### PELA ESCOLA

#### O Conselho de Assistência Escolar

Distribue 300 livros pelas escolas do concelho e estabelece uma "sopa escolar" em Tagilde \* \* \*

Foram já enviados aos seus destinos os livros de estudo pedidos ao Conselho de Assistência pelas escolas officiaes primárias.

Estes livros, que preferiram o número exacto de 300, serão entregues directamente pelos professores aos alunos que d'elles mais careçam pela sua condição de pobreza, ficando todavia sendo pertença da escola. Tem-se assim em vista proporcionar o beneficio do livro gratuito ao maior número possível de crianças, devendo o professor fazer ver ao aluno que a sua entrega não quer dizer propriedade, mas cooperação, empréstimo, e porisso mesmo direito condicional.

São 53 as escolas que receberam estes livros, o que equivale dizer-se que ainda algumas não se aproveitaram d'este beneficio — tam insistentemente reclamado como meio eficaz de assegurar mais re-freqüência á escola dos absolutamente pobres.

O Conselho de Assistência, representado por três dos seus membros, foi ontem a esta freguesia lançar as bases para a instalação duma «sopa escolar», servindo as escolas dos dois sexos que ali funcionam.

Estando presentes os regentes das duas escolas e respectivamente os membros da Junta Paroquial, as crianças, que estavam a terminar a aula, entoaram a «Portuguêsa» á chegada dos membros do Conselho, dando-se pouco depois começo á reunião.

Trocadas impressões sobre o modo do funcionamento, intuitos e alcance duma Cantina Escolar, ficou resolvido fazer-se a sua instalação na própria dependência das escolas, contratando-se uma mulher para a preparação da sopa e ficando a sua gerência a cargo da Junta Paroquial.

A verba que o Conselho destina para estas «sopas escolares» será votada na sua próxima reunião, havendo-se todavia desde já fixado que o número de crianças a admitir a esse beneficio não seja inferior a 20.

Esta obra de carinho e de au-

### PELA NOSSA TERRA

#### Quando vem?

A Guarda Republicana é absolutamente indispensavel para o policiamento rural d'este concelho, que é composto de 78 freguesias. Com assustadora freqüência se veem cometendo roubos e proesas duma audácia antiga, — como esse caso duma mulher que, á hora do dia, foi abordada por uns quadrilheiros num caminho que leva á Abaço, sendo forçada a entregar os próprios brincos das orelhas sob a ameaça duma enorme faca.

Estes casos, como dizemos, são frequentes e vão ganhando vulto, pela impunidade em que por via de regra ficam os seus autores.

O NOSSO CASAMENTO

A. M. R.

Sobre o altar do céu, como milhões de vélas,  
Nessa manhã clara, o cândido arrebol  
Hão de iluminar as rútilas estrelas...  
E como hóstia pura, erguendo-se sobre elas,  
Virá despontando, triunfante, o sol.

Seu clarão de luz, mais branco, puro, intenso,  
Vai iluminando toda a esfera azul...  
Esta claridade de arrebol imenso  
A embalsamam rosas, como odor de incenso...  
Fazem-se das nuvens véus de lindo tule.

Os extensos campos teem espigas louras...  
Cantam rouxinóis nos sineiras em flor,  
Hinos de alegrar as matinais auroras...  
Num éxtase está de diurnas horas  
Toda a natureza, palpitando amor...

Que visão estranha se nos manifesta:  
Todo o céu e terra derramando luz!  
Ergue-se, cantando, a natureza em festa!  
O frondoso roble, a rosa, a urze, a giesta,  
Absorvendo a seiva, bebem vida a flux!...

Por tapete as relvas todas matizadas  
De flores campestres: ramos de serpol,  
Miosotes brandos; folhas arrancadas...  
E cantando, em baixo, a nossos pés deitadas,  
Cristalinas águas, refrangendo sol!...

Como é bela assim a natureza inteira!  
Com que amor e inveja então eu a contemplo!  
Como tudo é belo, como tudo cheira  
A virtude e a amor... a vida toda inteira!  
Oh! a Natureza é grande e vasto templo!

Quando eu e tu mulher a quem pertenceo,  
Nosso amor profundo formos consagrar,  
Será este o templo, vasto e amplo, imenso,  
Em que havemos ambos nosso amor intenso  
Em um só fundir: ai quero eu casar!

De manhã será, quando ainda o sol desponte  
E as estrelas meigas luzam na amplidão...  
Pertinho do céu: no cimo de alto monte...  
Chegaremos lá: beijar-te ei a fronte  
E tocará Deus o nosso coração...

Porto, Julho de 1914

J. Preto Pacheco.

ENDEIXAS

Vai o bem fugindo,  
Cresce o mal c'os anos.  
Vão-se descobrindo  
C'o tempo os enganoso.

Amor e alegria  
Menos tempo dura.  
Triste de quem fia  
Nos bens da ventura.

Quem males sentiu  
Saiba já temer:  
E pelo que viu  
Julgue o que ha de ser.

Bem sem fundamento  
Tem certa a mudança  
Certo o sentimento  
Na dôr da lembrança.

Quem vive contente  
Viva receoso:  
Mal que se não sente  
E' mais perigoso.

Luis de Camões.

dissemos desde o primeiro dia:  
que a conspiração actual é o pro-  
seguimento da do ano passado.  
Mais vasta e ainda mais crimino-  
sa, por se dar quando os nossos  
soldados em Angola e Moçambi-  
que podem entrar em combate  
dum momento para o outro e  
quando a situação internacional é,  
sob todos os pontos de vista,  
duma extrema gravidade.

Não se preocuparam com isso,  
nem D. Manuel, nem D. Miguel,  
nem os «comités» de Londres,  
da Galiza e de Biarritz; não medi-  
taram na infâmia de fuzilar pelas  
costas os seus camaradas que es-  
tão em Africa, os officiaes do exér-  
cito e da marinha envolvidos na  
conspiração. Tudo menos a Re-  
pública! Se não pôde vir D. Ma-  
nuel, se não pôde vir D. Miguel,  
venha em todo o caso um rei,  
seja elle quem fôr, inglês, alemão,  
espanhol; venha um lord Cromer  
ou venha um Von der Goltz, ve-  
nha seja quem fôr; tudo menos a  
República. Assim a causa monár-

quica se tornou, fatalmente, uma  
causa estrangeira, e a causa republi-  
cana é, mais do que nunca,  
uma causa nacional. Posta nestes  
termos a questão pelas afirma-  
ções e pelos actos dos próprios  
monárquicos, o que se impõe,  
por um dever de honra e de pa-  
triotismo, aos republicanos?

João de Menezes.

CENTRAL CHANTECLER

DOMINGO

Grandioso e inegalavel êxito  
do grande invento cinematográfi-  
co. Estreia da fita colorida

NO PAÍS DOS MOINHOS

4 partes — 2:200 metros

Conspiração Monárquica

Se daqui a pouco tempo sur-  
gisse alguém a dizer que os acon-  
tecimentos de 20 de Outubro fo-  
ram destituídos de importância,  
tendo-se limitado á sedição de Ma-  
fra, e considerando esta um facto  
isolado, não nos surpreenderia-  
mos. Já começou a campanha dos  
monárquicos para desnoitear o  
público e levá-lo ao convencimen-  
to de que não existiu nem existe  
uma conspiração com ramifica-  
ções em todo o país, e, principal-  
mente, nas províncias do norte e  
do centro. Se ao optimismo de al-  
guém agrada que o público de tal  
se convença, aos republicanos, que  
sempre o foram, impõe-se o dever  
de não consentir que o artificio  
vingue. A conspiração de 20 de  
Outubro era vasta; a conspiração  
permanece em grande parte inta-  
cta e é a continuação da do ano  
passado. Sempre acreditamos que  
em 21 de Outubro de 1913 devia  
estalar um movimento monárquico.  
Para o acreditarmos, se de  
factos importantes não tivéssemos  
conhecimento, bastar-nos ia a de-  
claração de Azevedo Coutinho, de-  
pois de fracassada a revolta: «Foi  
apenas um movimento impedido»,  
afirmou elle sem o menor reboço;  
«conspirámos com effeito», não  
hesitam em o declarar alguns dos  
amniatiados.

É conveniente recordar que as  
conspirações dentro da República  
datam de poucas semanas depois  
da sua proclamação. E deve di-  
zer-se que talvez os primeiros a  
conspirar fôsses alguns republica-  
nos, de envolta com gente suspeita,  
vinda não se sabe donde.

A relativa facilidade com que  
trionfara a Revolução de 5 de out-  
ubro deu a republicanos desco-  
nhcidos no tempo da propagan-  
da e a outros que, tendo-o sido  
sempre, excessivamente presumi-  
ram dos seus méritos, audácia e  
descaramento bastantes para leva-  
rem certos desvairados e aventu-  
reiros de infima categoria moral a  
tentar o que elles chamam *golpes  
de Estado* contra alguns ministros  
do governo provisório. Exemplo:  
a revolta do Arsenal da Marinha,  
que foi quasi seguida da descoberta  
de importantes trabalhos de  
conspiração monárquica.

O plano dos inimigos da Repú-  
blica era o mais simples e segu-  
ro—promover por todas as ma-  
neiras a agitação e a indisciplina—  
como da Galiza aconselhava Cou-  
ceiro numa circular dirigida aos  
padres, e que foi lida na assem-  
blea Constituinte pelo ministro  
do interior do Governo Provisó-  
rio—de maneira a desacreditar a  
República no estrangeiro e a criar  
dentro do país a atmosfera propícia  
a um acto de força para res-  
tabelecer a monarquia. Assim,  
além doutros factos de vulto, de-  
pois da revolta do Arsenal em  
princípio de 1911, vieram os tu-  
multos do Largo das Côrtes, sob  
pretexto da carestia do azeite, em  
2 de Agosto do mesmo ano. Já  
então se falava em revolução mo-  
nárquica, e, com effeito, dentro  
do país existiam núcleos insurrec-  
cionais dirigidos pelo «comité»  
que funcionava na Galiza e rece-  
bia armas transportadas em na-  
vios alemães, quando não as ad-  
quiria nos arsenais espanhóis. E  
foi assim que em 29 de Setembro  
de 1911 se deu a primeira tenta-  
tiva de revolução monárquica no  
Porto, e, daí a dias, a incursão  
por Traz-os-Montes. Havendo  
falhado a empresa, outros movi-  
mentos tumultuosos se deram,  
sendo mais importante a greve  
de 31 de janeiro de 1912, movi-  
mento complicado em que figu-  
rou gente de varias côres políti-  
cas, e no qual operários e muitos  
dos seus dirigentes mais sinceros  
foram ludibriados. Então aos tra-  
balhadores dissémos, em vários

artigos que ao tempo lhes desa-  
gradaram, que era bom recorda-  
rem a história da República de  
1848, em França, e assim lhes ex-  
plicámos como os seus camara-  
das daquele país foram atirados  
para a revolta por agentes de Luís  
Napoleão Bonapart, e, sem o que-  
rerem, concorreram para o golpe  
de Estado de 1851, do qual saiu  
o Império que levou a França á  
capitulação de Sedan. Hoje, mu-  
tos dos que se irritaram com os  
nossos artigos dão-nos razão, tan-  
to mais que já sabem o que a  
monarquia tentou nos últimos  
tempos da sua existência, para  
corromper e captar o operariado,  
desviando-o do caminho revolu-  
cionário que conduzia á procla-  
mação da Republica.

Não nos referimos largamente  
á estúpida e malévolta tentativa  
dum golpe de Estado no Pôrto,  
anunciado pouco antes da segun-  
da incursão monárquica, em Julho  
de 1912, a qual, como é sabido,  
foi acompanhada de movimentos  
revolucionários em várias terras  
do norte. Apenas constatamos o  
facto dessa incursão ter sido pre-  
cedida de acontecimentos em que  
mais uma vez individuos incons-  
cientes foram instrumento dos  
monárquicos, e outros, desqualifi-  
cados, tinham auxiliado, por di-  
nheiro, os criminosos intentos  
dos inimigos da República.

Em 1913, como é sabido, hou-  
ve a tentativa de revolução mo-  
nárquica de 21 de Outubro. E  
essa tentativa, na verdade impor-  
tante, foi precedida da insubordi-  
nação militar de 27 de Abril, do  
atentado de 10 de Junho e do  
atentado, ainda mais grave, de  
21 de Julho, contra algumas senti-  
nelas de vários quartéis, junto dos  
quais appareceram grupos armados  
de bombas.

No estrangeiro a campanha  
contra a República era tremenda.  
Jornais ingleses e francezes—dos  
que presentemente censuram com  
violência os monárquicos—publi-  
cavam contra o regimen e contra  
o nosso país as ultimas infâmias,  
e nessa indigna empresa eram  
acompanhados por... gazetas  
alemãs e austriacas, isto é, pela  
imprensa das duas nações que  
mais teem auxiliado a conspira-  
ção monárquica e estão em guer-  
ra contra a Inglaterra e contra a  
França. Os emigrados, que paga-  
vam essa campanha, publicavam  
folhetos reclamando a intervenção  
estrangeira em Portugal, no que  
eram lógicos, porque para a in-  
tervenção estrangeira, ahim de su-  
focar qualquer movimento repu-  
blicano em Portugal, apelou D.  
Manuel nos últimos meses do seu  
reinado.

Veio a amnistia, que uns vota-  
ram sem restrições e outros mu-  
to conditionalmente, e supôs-se  
que semelhante acto desarmaria  
os monárquicos. Tempo perdido,  
generosidade inútil. A conspira-  
ção proseguiu.

No começo de Julho deste ano  
já se pensava em fazer a revolu-  
ção. Surgiram difficuldades inter-  
nacionais, porque já se annunciava  
a guerra, e o movimento adiu-  
se. Declarada a guerra europeia,  
a República adquiriu maior pres-  
tígio no estrangeiro, e, então, os  
monárquicos, verdadeiramente fu-  
riosos, pensaram em aproveitar  
a partida das expedições para a  
Africa, para realizarem o seu ob-  
jectivo. Começaram a fazer uma  
propaganda infernal junto dos ex-  
pedicionários, procurando leval-  
os á insubordinação. A linguagen-  
dos seus jornais aumentou de vio-  
lência, os trabalhos para a revolu-  
ção activam-se, e tudo estava  
preparado para que ella explodis-  
se em 30 de Agosto. Como a pro-  
paganda entre os expedicionários  
tivesse falhado por completo, foi  
resolvido esperar. Mas pouco tem-  
po. E em 20 de Outubro os acon-  
tecimentos de Mafra, de Bragança,  
de Vila Real e outros que são,  
agora, conhecidos por aqueles a  
quem compete conhecer e preven-  
ir as tentativas de revolta contra  
a República, mostram o que nós

xilio á infância escolar iniciada  
ontem em Tagilde, trouxe satis-  
fação áquella localidade, pois que,  
dêste modo, os seus habitantes  
observavam o interesse que  
merecem as coisas da instrução  
no regimen da República.

A inauguração desta primeira  
«sopa escolar» será no principio  
de Janeiro.

—O nosso presado correlegio-  
nário e vereador municipal, sr.  
Vitorino Simões Lopes Sâmp-  
aio, ofereceu o seu concurso a  
esta iniciativa, o que facilitou so-  
bretudo os trabalhos do Conse-  
lho de Assistência.

Comissão Executiva

DA

Câmara Municipal

Sessão ordinária de 27 de Novembro de 1914

Pelas 21 horas, achando-se pre-  
sentes os cidadãos vereadores Lei-  
te da Silva, Justino Ferreira, Jú-  
lio Cardoso, Clemente Dias Pe-  
reira e Joaquim Cardoso Guimã-  
rães, assume a presidência o ci-  
dadão vereador Mariano Felgueiras,  
declarando aberta a sessão.

BALANÇO

Em depósito na Caixa Econó-  
mica . . . . . 9:000\$000  
Em cofre . . . . . 5:995\$925

OFFICIOS

Da Junta de Paróquia de Ur-  
gezes, pedindo para que seja  
consentido aos proprietários e la-  
vradores poderem possuir 2 ca-  
beças de gado lanigero.

Deferido.

—Do Aferidor de pêsos e me-  
didas, pedindo para canalizar água  
para poder ponçar as medidas de  
vidro.

Resolve perguntar quais os  
contadores que precisa.

—Da professora regente da es-  
cola central, que assumiu as suas  
funções a professora Miranda de  
Barros.

Inteirada.

REQUERIMENTOS

De Francisco de Passos, de  
Lordelo, pedindo para construir  
um prédio.

Deferido.

—De José Lopes da Cunha,  
pedindo para construir um pré-  
dio.

—De Carlos Gonçalves Coelho,  
pedindo 4 dias de licença, sem  
vencimento.

Deferido.

—Da professora de Nespereira,  
informando a Câmara de não po-  
der continuar a residir na casa  
sonde actualmente funciona a es-  
cola, devido a certas circunstân-  
cias que ella alega.

Resolve officiar á Repartição  
do Circulo para que averigüe e  
comunique á Câmara o que se  
lhe offerecer.

—De Maria de Freitas, de Ma-  
tamá, pedindo atestado de po-  
breza.

Conferido.

—De Joaquim de Carvalho,  
guarda dos impostos, pedindo a  
sua demissão.

Concedida.

—De António de Faria, ex-  
guarda dos impostos, pedindo a  
sua reintegração.

Resolveu reintegrá-lo.

—De Guimarães & Lobo, pe-  
dindo licença para colocar uma  
vitrine no prédio da sua officina  
sita na rua de D. João 1.º.

Deferida.

—De Ana Mendes da Silva, pe-  
dindo para lhe serem concedidos  
2 metros de terreno fixo no mer-  
cado das Taipas.

Deferido.

A's 22 1/2 horas foi encerrada  
a sessão.

**HIGH-LIFE CINEMA**

Domingo

**20 Anos de Odio**

Film da nova edição, em 4 partes, com 2000 metros, e de grande merecimento artistico, tendo já alcançado brilhante successo.

Grande Sucesso

**REPORTAGEM**

Junta geral

Reuniu em Braga, no edificio do governo civil, em sessão plenária, a junta geral deste distrito. Depois de se conseguir o numero de procuradores para que a sessão funcionasse, abriu esta ás 14 horas sob a presidência do sr. Silva e Souza, de Vila Verde, tendo como secretário o sr. Celestino da Silva, da Póvoa de Lanhoso. Depois de acalorada discussão, foi votada a proposta da comissão executiva para o lançamento do adicional de 2 % sobre as contribuições gerais do Estado. Mais se resolveu que a comissão executiva possa nomer interinamente os empregados de que precise para o regular funcionamento da sua secretaria. A sessão foi encerrada ás 16 horas.

De Guimarães estavam os srs. dr. António José da Silva Bastos Junior e A. L. de Carvalho.

Juri Comercial

No tribunal judicial desta comarca, procedeu-se ontem à eleição do juri comercial para o proximo ano de 1915, recaindo nos seguintes cavalheiros:

1.ª pauta.—Abilio José da Cruz, Francisco António Alves Mendes, António de Assunção Pires, Manuel José de Carvalho, Simão Ribeiro, Domingos de Sousa Junior (bacharel), António Virgem dos Santos, Francisco José de Freitas, José Pinto Teixeira de Abreu, Guilherme Augusto Barreira, Manuel Joaquim da Cunha, Bernardino Jordão, José Joaquim Vieira de Castro, Manuel Lopes Martins, Francisco de Assis Costa Guimarães, António José de Sousa, Gervasio António Pinto, Pedro Pereira de Freitas, Luis José Gonçalves Bastos, José da Costa Carneiro e Albano Pires de Sousa.

2.ª pauta.—Eduardo da Silva Guimarães, Antonio da Cunha Mendes, Cândido José Pinheiro, Benjamim Constante da Costa Matos, Manuel Bernardo Alves, Rodrigo José Leite Dias, Manuel Martins Barbosa de Oliveira, José Oliveira Meira, António Lopes Martins, Francisco Agostinho Cardoso de Lemos, João Fernandes de Melo, Simão da Costa Guimarães, António Pereira da Silva, João Rodrigues Loureiro, Joaquim Pereira Mendes, José António Alves de Abreu, Joaquim da Costa Vaz Vieira, José de Freitas Costa Soares, António de Araújo Salgado e Augusto Pinto Areias.

Participação

Miguel Tobin de Sequeira Braga e Carlos Augusto de Arbués Moreira Junior, advogados, participam que instalaram o seu escritório na R. S. Nicolau, 88, 2.º Telefone 4358, Lisboa.

No escritório destes distintos advogados pode igualmente ser procurado o sr. Abilio d'Almeida Coutinho, solicitador encartado, natural desta cidade.

1.º de Dezembro

Realizou-se uma récita de gala no nosso teatro, em beneficio da Caixa Filantrópica Académica Vimaranesense. O teatro oferecia uma artistica decoração e via-se repleto de senhoras e cavalheiros. O programa foi cumprido integralmente, havendo-se todos os interpretes das diferentes peças, que foram representadas, com correção.

Transferência

Retirou para os Arcos de Val de Vez, terra da sua naturalidade, para onde fôra transferido a seu pedido, o habil escrivão, sr. Faria de Lima. Alguns amigos querendo testemunhar-lhe a muita estima, em que sempre o tiveram, ofereceram-lhe um jantar que se realizou no Grande Hotel do Toural.

Mercado

No mercado de sábado, venderam-se os generos pelos preços seguintes:

Milho branco, o alqueire, 650; dits amarelo, 600; dito alvo, 850; centeio, 700; feijão branco, 1.300; dito moleiro, 1.000; dito amarelo, 800; dito fradinho, 850; painço, 1.000; batatas, 600; galinhas, 500; ovos, duzia, 240 reis.

**Comarca de Guimarães**

**Citação edital**

(1.ª Publicação)

Pelo juízo de direito da comarca de Guimarães e cartório do escrivão do 3.º officio, correm éditos de 40 dias, contados desde a segunda publicação deste anúncio no Diário do Governo, citando todas as pessoas incertas que se julguem com direito a contestar a ação civil com processo ordinário em que é autora com o beneficio da Assistência judiciária, Maria das Dores, viuva, moradora no logar do Castanheiro, freguesia de Urgêses, da mesma comarca, como administradora de seus filhos menores impúberes Jssé e Isaura, e reus os mesmos incertos e Ministério Público, na qual a dita autora, na qualidade de administradora dos sobreditos seus filhos alega não serem estes seus filhos legítimos e de seu falecido marido José de Almeida Guimarães, não obstante isso constar dos assentos dos seus nascimentos, concluindo por pedir que os ditos Autores seus filhos José e Isaura sejam julgados filhos ilegítimos da Autora Maria das Dôres, devendo, como consequência, ser anuladas as declarações do estado de filhos legítimos da mesma Autora e de seu falecido marido José de Almeida Guimarães, constantes dos assentos de nascimento dos aludidos autores e autorizar-se fazer a êsses assentos os competentes averbamentos da aludida anulação e de ilegitimidade dos autores para na segunda audiência ordinária do mesmo juízo posterior áquele prazo virem acusar a citação e marcar-se três audiências para contestarem.

As audiências no referido juízo fazem-se ás segundas e quintas feiras de cada semana,

nos termos dos §§ 2.º e 3.º do art.º 151 do Código do processo civil, no Tribunal delasito á rua do Gravador Molarrinho, da cidade de Guimarães. Guimarães, 17 de novembro de 1914.

O escrivão do processo,

Eduardo Pires de Lima.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Santos.

**Arrematação**

2.ª PRAÇA

**A Misericórdia de Guimarães**

Faz público que no dia 20 de Dezembro próximo, pelas 10 horas, na casa do Despacho, anexa ao seu hospital, no lugar dos Capuchos, na rua Trinta e Um de Janeiro, desta cidade, tem de arrematar-se em hasta pública, em 2.ª praça, por seis meses, a contar do primeiro de Janeiro de 1915, o fornecimento de: anho, arrôrs, assucar, azeite, bacalhau, batatas, café, carne de boi, carvão, cêra, cevada torrada, chá, chicória, feijão, galinhas, leite, massas, ovos, pão de milho, pão de trigo, peixe, sabão, sal, vassouras e escovas de piassaba, vinho fino, vinho maduro, vinho verde, vitela, feitura de barbas e córte de cabelos aos doentes no hospital e aos internados do asilo de S. Paio, caixões e mortaldas para os irmãos pobres e dois trens para acompanhamento dos mesmos ao cemitério.

As condições e respectivas bases de licitação estão patentes nesta Secretaria, em todos os dias úteis, desde as 9 ás 15 horas.

Guimarães e Secretaria da Misericórdia, 29 de Novembro de 1914.

O provedor,

António Pereira da Silva.

**Anúncio**

A comissão concelhia da administração dos Bens Eclesiásticos em Guimarães, faz público que até ao dia 6 de Dezembro próximo ás 12 horas, recebe propostas em carta fechada para a adjudicação das obras de que necessitam os presbitérios de Souto (Salvador), Selho (S. Cristovão), S. João de Ponte, Mesão-frio, Calvos e Balazar, sob as bases de licitação de 18\$00,—10\$00,—36\$20,—50\$00,—5\$00 e 25\$00, respectivamente.

As condições estão patentes na secretaria da mesma comissão onde poderão ser examinadas pelos interessados.

Guimarães, 22 de Novembro de 1914.

O presidente da comissão,

Abel de Vasconcelos Cardoso.

**Arrematação**

A comissão concelhia da administração dos Bens Eclesiásticos em Guimarães, faz público que no dia 6 do corrente, ás 12 horas, e na capela do internato Municipal, são postos segunda vez em praça os seguintes mobiliários:—3 pares de galerias de talha, sob a base de licitação de 2\$00 cada par;—diversa talha da tribuna de S. Paio e madeira, por 40\$00; umas grades de ferro da mesma tribuna por 2\$00 e um sino ao preço de \$30 o quilo.

Guimarães, 2 de dezembro de 1914.

O presidente da comissão.

Abel de Vasconcelos Cardoso.

**EDITAL**

**A Câmara Municipal deste Concelho de Guimarães:**

Faz saber que no dia 11 do próximo mês de dezembro, pelas 12 horas, nos Paços do Concelho, tem de arrematar-se em hasta pública a obra de reparação e prolongamento do encanamento das águas públicas na rua Trindade Coelho, desta cidade, sob a base de licitação de 122\$00 escudos.

As condições estão patentes na Secretaria da Câmara para serem examinadas pelos interessados.

E para constar se passou e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares mais públicos.

Paços do Concelho de Guimarães, aos 21 de Novembro de 1914. E eu José Maria Gomes Alves, Chefe da Secretaria da Câmara, o subscrevi.

O Presidente,

Mariano da Rocha Felgueiras.

**Arrematação**

(1.ª Publicação)

No dia 13 do próximo mês de Dezembro, por onze horas, na casa onde os executados Domingos da Costa e mulher D. Idalina Pereira da Costa, da povoação de Visela, desta comarca, tiveram o seu estabelecimento, que é na rua Ferreira Caldas, da mesma povoação, por efeito de execução de sentença, que lhes move a firma comercial Teles & C.ª, da cidade do Pôrto, se tem de arrematar em hasta pública diversas fazendas, tais como vinhos engarrafados e ferragens, e alguns móveis, a quem por êles maior lanço oferecer sobre a sua avaliação.

Pelo presente são citados quaisquer credores incertos dos executados. Guimarães, 30 de novembro de 1914.

Verifiquei.

Santos

O escrivão,

João Joaquim d'Oliveira Bastos.

**EDUARDO D'ALMEIDA**

Advogado

Tem o seu escritório no Internato Municipal onde pode ser procurado todos os dias úteis das 11 ás 16 horas.

**SOLICITADOR**

J. Pimenta

Largo de S. Tiago n.º 31, 32 e 33.

**Éditos de 30 dias**

(2.ª Publicação)

No Juízo de Direito desta comarca e cartório do escrivão abaixo assinado, estão pendentes uns autos de inventário orfanológico por óbito de Antónia da Assunção Teixeira, também conhecida por Antónia de Jesus, casada que foi com o inventariante António Carvalho de Barros, do lugar de Caneiros, freguesia de Fermentões, desta comarca; e nos mesmos autos correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se depois da segunda e última publicação deste anúncio, citando o co-herdeiro José Alves Pereira, solteiro, maior, ausente em parte incerta dos Estados Unidos do Brasil, e o eredor José André de Castro, casado, negociante, da rua Visconde das Devezas, n.º 154, de Vila Nova de Gaia, aquêle para assistir a todos os termos do referido inventário até final e este para o mesmo fim e para deduzir os seus direitos nesse inventário, sem prejuizo do seu regular andamento.

Guimarães, 26 de Novembro de 1914.

Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito,

Santos.

O escrivão do 4.º officio,

Joaquim Penafort Lisboa.

**Companhia de Seguros**

**A Urbana Portuguesa**

Socied. anon. de resp. limitada

Capital social . . . 340:000\$

Capital calisado . 340:000\$

ESTA antiga Companhia toma seguros contra fogo em prédios, mobílias, mercadorias, estabelecimentos, fábricas, seáras, pastagens e gados de todas as especies; riscos de mar, de rios, quebra de vidros fixos ou em viagem, grêves, etc., para o que tem o seu depósito de garantia (25 contos) no ministério das finanças, feito a favor dos senhores segurados.

Tem correspondentes nas principaes terras.

Açeita angariadores de seguros—Séde no Porto—Rua Infante D. Henrique, 45 1.º — Aberto das 10 horas ás 15 e meia—Telefone n.º 843.

Representante em Guimarães—Sr. Francisco António Alves Mendes.

Extracto das leis que punem os maus tratos exercidos contra os animais

Regulamento Geral de Saúde Pecuária

(Aprovado por decreto de 7 de Fevereiro de 1889)

Art. 182.º Serão punidos com a multa de 1\$000 a 2\$000 réis e poderão sel-o também com um a cinco dias de prisão, aqueles que nos lugares públicos espancarem, flagelarem, ou por qualquer forma maltratarem os animais domésticos.

§ unico. A pena de prisão será sempre aplicada em caso de reincidência.

São considerados maus tratos aos animais:

O emprêgo de instrumentos para estímulo ou correcção que não sejam a espôra de serrilha curta e o chicote simples, com cabo não inferior a 1<sup>m</sup>,10, para o gado cavalari e mular; e a vara de pinho de 1<sup>m</sup>,32 de comprimento com agulhão de 0<sup>m</sup>,006, o máximo, para o gado bovino;

O abuso evidente e cruel destes meios de estímulo e correcção, ou o seu emprêgo na cabeça e pernas dos animais, ou em qualquer parte do corpo reconhecidamente mais sensível;

Aplicação nos aparelhos ou lanças de quaisquer instrumentos que possam ferir os animais; e bem assim o emprêgo de serrilhas;

O transporte pelas ruas e a conservação nas praças, de animais em posição ou estado, que produzam sofrimento desnecessário;

Depenar aves, cegal-as para cantarem, ou esfolar animais antes de estarem perfeitamente mortos;

Conduzir pela via pública vitelos atados ás caudas das vacas, e obrigar-os a caminhar à força de pancadas;

Prender aos cães, gatos ou quaisquer outros animais, objectos que os mortifiquem e façam correr; atar cordeis a pássaros ou a quaisquer outras aves para as arrastar, e bem assim lançar fogo a animais, untando-os com retróleo, ou verter sobre elles substâncias corrossivas, água quente, etc;

Apedrejar animais, e acular-os uns contra os outros;

Abandonar na via pública animais velhos ou doentes, ou lançar nos canos e sargetas animais recém-nascidos;

Acumular vivas, em cestos ou canastras, as aves e outros animais destinados à alimentação, arremessal-as violentamente umas sobre outras ou sobre o chão, e transportal-as em molhos, atadas pelos pés e de cabeças pendentes, ao ombro ou em forma d'alforje;

Fazer levantar os animais cahidos, à força de pancadas e outras violências;

Castigar os animais visivelmente carregados, pata os obrigar a subir rampas, quando as suas forças lhes não permitam tirar ou sepultar as cargas;

Finalmente, tudo quanto não fica especificado, mas que o bom senso indique inferir-se por analogia, como constituindo mau tratamento.

Art. 183.º Serão punidos com a multa de 2\$000 a 4\$000 aqueles que em público empregarem no serviço animais extenuados, famintos, chagados ou doentes, quando qualquer destes estados for devidamente comprovado por um perito medico veterinário.

Nenhum veterinário, quer seja exercendo funções officiais, quer apenas exercendo clinica particular, pode recusar-se a verificar e atestar o estado de qualquer animal que lhe seja presente para os efeitos do cumprimento da lei pecuária citada. Essa lei prevê o caso de qualquer recusa nos termos seguintes:

Art. 186.º O facultativo veterinário que, em caso urgente, recuse o auxilio da sua profissão, e bem assim aquele que competentemente convocado, ou intimado para exercer acto da sua profissão, necessário, segundo a lei, para o desempenho das funções da autoridade pública, recusar exercel-o, scrá condemnado a prisão correccional de dois meses a um ano e multa correspondente.

Organização dos Serviços do Fomento Commercial

(Aprovado por decreto de 22 de Julho de 1905)

Art. 183.º Todo o equideo ou bovideo, qualquer que seja o fim a que se destine, não poderá apresentar-se publicamente em estado inferior ao de meia nutrição, nem com ferida ou contusão que o torne repugnante á ou impróprio para o serviço que se lhe exija.

Penas applicáveis nas contravenções: pela primeira vez, multa de 2\$00; pela segunda vez, multa de 4\$00; por cada uma das vezes seguintes, multa de 20\$00 e prisão até um mês (Art.º 39.º da lei extractada).

DISPONÍVEL

INSTITUTO DE "ASEPSIA,"

Laboratório de análises clínicas e de esterilizações

Sob a direcção técnica do analista Manuel Jesus de Sousa

50, R. da República, 54-1.º—GUIMARÃES

Análises de urinas, escarros, sangue, puz, leite, vinho, vinagre, queijo, manteiga, etc.

Preparação de empolas medicamentosas diversas, sôros em empolas vulgares e auto-injectoras, kefir, leite maternizado, etc.

Desinfecção de pensos e ferros cirúrgico pelo método de Pasteur.

LUZ DO SOL Sistema WIZARD é a melhor luz do mundo.

A luz sistema WIZARD além de ser muito económica e muito simples é também a mais barata até hoje conhecida em Portugal.

Serve tanto para o interior como para o exterior de qualquer habitação.

Iluminaí as vossas habitações e tereis o sol em casa pois VIZARD é a última palavra sobre iluminações intensiva.

Cada lâmpada tem o poder iluminante de 500 velas e acende com fósforos como o gaz e o seu consumo é um litro de gazolina em 24 horas.

O maior successo da actualidade!!

Maravilhoso sistema de iluminação!!

Pedir informações ao correspondente em Guimarães

J. Cardoso Guimarães.

DISPONÍVEL

Instituto Médico-Dentario

Dr. Gonçalo de Moura e Lopes da Silve

SUCURSAL EM Guimarães

LARGO DA MISERICORDIA, 4

CONSULTAS às quintas sextas-feiras.

Antiga Merceria e Confeitaria

Da Porta da Vila

—DE—

António de Sousa Guise

Especialidade em queijo, vinhos em barril e engarrafados, ditos de Provezende, licores genebras e cognacs nacionais e estrangeiros, conservas, massas de todas as qualidades, doce fino, bolachas nacionais e estrangeiras, fructas secas e caldeadas, arroz, açúcar, baéalhau, chocolate, etc. Depósito de vinhos da Companhia Vinicola.

Manteiga especial da Praia de Ancora

24, Rua da República, 28—GUIMARÃES

Sortido variado em bolacha ingleza—Café puro especial.

Sortido completo em farinhas—Chá fino, preto e verde

Depositário das águas e refrigerantes do SAMEIRO

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assinatura

Preço das publicações

Ano	1\$200 rs.
Semestre	600 "
Brazil, ano (moeda forte)	2\$500 "
Número avulso	30 "

Anuncios e comunicados, por linha	40 rs.
Repetição, por linha	20 "
Permanentes, contracto convencional	"
Anuncios, não judiciais, para os srs. assinantes 25 % de abatimento.	"

ALVORADA

Ao Cidadão